

## **Documentário, educação e democracia: Reflexões sobre os recursos audiovisuais na escola<sup>1</sup>**

**Márcia CARVALHO<sup>2</sup>**

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

### **Resumo**

Atualmente debates e práticas pedagógicas em torno das relações do cinema com a educação ganharam força em diversas publicações e experiências. Pode-se encontrar investigações sobre o gênero de produção educativo e sobre experiências do uso do cinema na escola, tanto em atividades de exibição e análise fílmica dirigida com fins didáticos, como em práticas de produção com abordagem de conteúdos pedagógicos. Diante disso, este texto pretende apresentar uma reflexão sobre documentário e educação abordando algumas questões estéticas, éticas e políticas do uso de narrativas audiovisuais sobre o real na escola.

**Palavras-chave:** documentário; cinema; educação; democracia; narrativas audiovisuais.

### **Introdução**

Exibir documentários em sala de aula pode ser um desafio pedagógico interessante visto que o documentário por definição apresenta abordagens de temas e personagens reais e, por isso, possui grande potencialidade de se transformar em objeto, problema e fonte para pesquisa e ensino. Desse modo, a linguagem audiovisual pode ser incorporada na prática pedagógica com o estudo, análise e uso do documentário como forma de comunicação e produto da cultura contemporânea.

Na dimensão educativa, entendida em seu sentido amplo de formação de valores, visão de mundo, conhecimento e ampliação de repertório, o cinema pode ser utilizado como objeto de estudos sobre temas, discursos e estéticas, estabelecendo as relações deste com a indústria cultural e com outros meios e processos audiovisuais, aprofundando a ideia de uma expressão artística e política. Também se pode buscar entender a sua linguagem a partir da prática de produção, colocando os alunos como realizadores, vivenciando a experiência da construção de um pensamento audiovisual.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GP Cinema, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Meios e Processos audiovisuais pela ECA-USP, professora e coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Programa de Iniciação Científica da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM, e-mail: profmarciacarvalho@yahoo.com.br.

A linguagem cinematográfica é conhecida convencionalmente como o resultado de escolhas de realizadores (roteiristas, diretores, técnicos e artistas envolvidos), determinadas por suas influências e referências estéticas, políticas e culturais, e do desenvolvimento tecnológico do registro e criação de imagens e sons articulados na formação de narrativas. Assim, analisar o discurso cinematográfico é também estudar os discursos subjacentes às expressões artísticas e as informações em textos, imagens e sons (CARVALHO, 2014, p. 29).

Rafael Hagemeyer, em seu livro *História & Audiovisual* (2012), afirma que a relação entre representação e verdade, bem como a questão da narratividade, não estão presentes apenas nas origens da escrita da história, mas também nas origens do audiovisual. Para o pesquisador, atualmente existem muitos filmes disponíveis na internet para o ensino de história, por exemplo, mas estes filmes são de ficção e bem conhecidos por ter grande visibilidade no cinema e na televisão, em particular as reconstituições de épocas, cuja trama é ambientada em algum lugar e momento do passado. Ainda segundo o autor, estes filmes são preferidos por serem fáceis de se encontrar e atraírem a atenção e curiosidade dos alunos, uma vez que se utilizam da narrativa ficcional.

Já para Adriana Fresquet deve-se escolher filmes que não satisfaçam o gosto de imediato, contribuindo para ampliar as possibilidades de acesso à obras esteticamente mais ousadas da história do cinema, segundo a pesquisadora:

Aulas de cinema na escola, por exemplo, conseguem sofisticar alguns usos e promovem novas possibilidades para diversificação do gosto, se fizermos escolhas de filmes que produzam estranhamento, algum silêncio, que alterem as expectativas do que comumente nos é dado a ver nos cinemas de *shoppings* e na TV. (FRESQUET, 2013, p. 23).

O documentário, portanto, amplia as práticas comunicacionais no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em sala de aula, entendendo esta como espaço de observação, reflexão e análise. Para isso, estas competências transformadoras nascem de ações pedagógicas, quando professores e alunos, juntos, são ao mesmo tempo, pesquisadores e intérpretes de sua história, investigando narrativas sobre o real ou desafiando os seus olhares sobre o mundo com a produção audiovisual como complemento didático.

Entretanto, vale enfatizar que o documentário deve ser problematizado e utilizado como ponto de partida para uma atividade didática, bem como pode se transformar numa atividade prática, de emancipação criativa, transformadora do olhar e da percepção da realidade. Neste sentido, este texto pretende apontar algumas reflexões iniciais sobre os usos do documentário na educação, abordando as possibilidades da exposição de conteúdos a partir das narrativas de documentários, promovendo com isso debates críticos sobre diversos conteúdos e temas na busca pela educação audiovisual que deve ser entendida como um processo de sensibilização e construção de redes de significado social, político e cultural de maneira democrática e humanista.

Assim, este debate apresentado aqui é o início de uma pesquisa maior que em sua continuidade pretende problematizar exemplos de documentários que podem ser usados em sala de aula para a formação política e cultural dos alunos e de atividades de ensino e aprendizagem através da produção de documentários e uso de seus recursos audiovisuais. Com isso, o resultado desta investigação reflexiva poderá contribuir para o debate e a prática da inserção das narrativas audiovisuais em sala de aula, destacando a importância de novas metodologias e práticas pedagógicas que articulem as áreas de comunicação e educação.

### **Os usos do documentário em práticas pedagógicas**

O documentário é uma produção audiovisual que lida com a verdade ao abordar temas, situações, histórias de personagens e acontecimentos reais. Para apresentar um tema ou assunto em profundidade utiliza a seleção de alguns aspectos sobre o tema proposto criando uma narrativa audiovisual que pressupõe representações auditivas e visuais, sempre a partir do ponto de vista do cineasta. Conforme já abordei no livro *Documentário e modos de produção* (2015), ao longo da história da produção de documentários, realizados para cinema, rádio, televisão e, mais recentemente, para a internet, as principais funções do documentário incluíram a preservação da cultura, a persuasão do público, a investigação de ideias e a elaboração de olhares sobre o mundo histórico.

Segundo Bill Nichols, em *Introdução ao documentário* (2016), o documentário não possui definição específica, ou seja, não existem leis para a sua produção e há poucas regras

genuínas para esta expressão criativa. Para o pesquisador, trata-se de uma definição ainda vaga, aberta para o debate que se transforma com as inúmeras contribuições de instituições, cineastas, públicos e pelos próprios filmes. No entanto, algumas características permitem distinguir os documentários de outros filmes, principalmente por sua abordagem indicial e seus modos de representação, expostas por meio de um argumento sobre o mundo, o que pressupõe um ponto de vista autoral e uma variedade de métodos, tendências, estilos e técnicas de produção.

Vários autores já afirmaram que o documentário nasceu junto ao cinema com a filmagem documental que mostra a saída dos operários de uma fábrica, registrada pelos irmãos Lumière. A partir daí a história do documentário se desdobra por sua relação de registro, documentação, narrativas e modos de representar o real que podem revelar certo interesse em investigar histórias, paisagens, culturas, comportamentos, crises, biografias, direitos sociais e humanos.

A tradição do documentário nasce de sua capacidade de transmitir uma impressão de autenticidade, ou fidelidade da imagem fotográfica ao que ela registra, com sua aparência de documento. Como o documentário é uma narrativa audiovisual, carrega consigo vários recursos de estilo, técnica de produção e expressão que devem ser levados em conta na análise e mesmo em exercícios práticos de realização: da pesquisa histórica, dos seus personagens, da importância do roteiro e do planejamento de produção, do som e da captação das imagens, da edição e o seu impacto como produto sociocultural. Assim, o documentário ao combinar imagens, narração, trilhas, depoimentos, torna evidente que se constitui de um encadeamento de argumentos dentro de um pensamento audiovisual, marcado pelo estilo e pela exposição de um ponto de vista do diretor.

Em princípio, todos os filmes, ficcionais ou documentais, são veículos de valores, conceitos e atitudes. Neste sentido, o documentário se revela um instigante ponto de partida para se problematizar seus tratamentos narrativos, tanto em sua estética e modo de narrar e abordar os seus temas, como em suas escolhas políticas e ideológicas. Também o próprio documentário se constitui como um documento histórico, de uma época e de uma sociedade, de um ponto de vista de uma autor (seu diretor) abrindo-se para uma crítica mais profunda e reflexiva.

Para o historiador Marcos Napolitano, em seu livro *O cinema na sala de aula* (2005, p. 11), o trabalho com o cinema na escola possibilita ajudá-la “a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”. Por isso, o documentário deve ser analisado e discutido como produto cultural e estético carregado de valores e representações sobre a sociedade.

A rigor, qualquer série/disciplina/área pode trabalhar com documentários em sala de aula. No entanto, vale enfatizar a importância do planejamento do professor que deve levar em conta algumas questões fundamentais, tais como: o que eu quero com esse filme? Em que essa atividade contribui para o conteúdo curricular de minha disciplina e área de conhecimento? Quais são as possibilidades de reflexão crítica e de conhecimento que essa atividade irá proporcionar ao aluno?

O documentário na sala de aula proporciona ao professor uma atividade complementar para atrair a atenção do aluno para conteúdos específicos de sua disciplina. Nesse sentido, vale alertar que a cultura cinematográfica do professor é fundamental, na escolha dos filmes e na construção das atividades. Além disso, qualquer documentário demonstra um ponto de vista sobre a realidade, o que é resultado de uma responsabilidade política e artística. Dessa maneira, o uso do documentário pode tornar uma aula dinâmica e desafiadora para o olhar e a compreensão do público jovem, contribuindo para a sua formação crítica e humanista, permitindo ativar a sua percepção estética e engajamento político.

A análise fílmica começa quando conciliamos o olhar crítico diante do resultado final de um filme e a reflexão sobre as escolhas, recursos e processos que estão por trás destes resultados. Assim, ver documentários em sala de aula constitui uma experiência cultural em si, e analisar estes filmes com objetivos claros torna-se um rico exercício de construção de conhecimento de determinado conteúdo disciplinar, previsto nos parâmetros curriculares. Entretanto, não basta apenas se utilizar do filme como “ilustração” e reforço de um conteúdo curricular, mas sim utilizar o documentário para uma atividade interativa que exige planejamento e participação ativa dos professores e estudantes. Assim, o documentário em sala de aula pode ser um o ponto de partida para a criação de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor. Esta abordagem pode

trabalhar com temas transversais como cidadania, ética, meio ambiente, sexualidade, direitos humanos, diversidade cultural, etc.

Paulo Freire, em suas obras *Educação como prática da liberdade*, publicado originalmente em 1967 (2005) e *Pedagogia do oprimido*, publicado originalmente em 1968 (2005), chama a atenção sobre a necessidade de ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. Para isso, é preciso escutar a fala de alguém como sujeito e não como objeto, tornando possível a quem fala o direito de se comunicar, e não fazer comunicados, pois ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção. Assim, nasce a consciência crítica da realidade, quando o indivíduo se descobre como sujeito e portador de uma palavra própria. Segundo Jesús Martín-Barbero, no livro *A comunicação na educação* (2014), a pedagogia de Paulo Freire pressupõe a criação de uma práxis cultural, colocando a cultura como expressão transformadora da sociedade por sua potencialidade de leitura crítica da realidade a partir do ato criador. Em suas palavras:

A pedagogia converte-se, assim, em *política* já que o acesso à expressão e à criação cultural é experimentado pelos alfabetizados como um *processo de luta por fazer-se reconhecer* enquanto atores do processo social. Se a liberdade é indivisível, a conquista da palavra inscreve-se na luta pela libertação de tudo o que oprime. Somente então adquire se pleno significado o emblema que Freire deu a sua aventura: *a educação como prática da liberdade*. (Grifos do autor) (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 41).

Nesse sentido, outra contribuição instigante é o fazer documentários na escola, quando se coloca em prática novas experiências de representar o real evidenciando as questões éticas de quem filma e quem é filmado, dando voz aos alunos para que coloquem em prática a construção de um ponto de vista e uma abordagem sobre o real. Oposto ao olhar hegemônico e a construção do espetáculo das mídias, o aluno poderá pensar com a câmera sobre a sua vida, a sua realidade, motivado a buscar entender e questionar criticamente a sua situação social e humana, pois como já escreveu Jean-Louis Comolli “o cinema não tem outro sentido senão o de virar pelo avesso as evidências do sensível” (COMOLLI, 2008, p. 97).

A pesquisadora Adriana Fresquet, por exemplo, tem trabalhado nos últimos anos em projetos em escolas levando para a prática a sua reflexão sobre cinema e educação, com

forte intervenção de caráter político, em defesa do fazer cinema na escola. Para Adriana Fresquet (2013) é preciso ver cinema na escola, no cinema e na cinemateca, é preciso fazer exercícios e práticas audiovisuais com inspiração no cinema na escola, na tensão entre a liberdade de criar e a força da intervenção da história e da linguagem do cinema. Segundo a pesquisadora, hoje até as crianças filmam histórias com seus celulares e câmeras fotográficas, por isso, aulas de cinema na escola conseguem sofisticar alguns recursos técnicos e narrativos ampliando o repertório e a leitura crítica dos alunos a partir da vivência e da experiência com a linguagem do cinema.

Dessa maneira, a proposta de produção de documentários na escola coloca a realização audiovisual como uma busca, não a transmissão de uma verdade ou uma mensagem, mas sim a investigação e a expressão de um ponto de vista sobre a realidade. Novos projetos do uso do cinema e, em especial, do documentário na escola precisam ser criados, seja colocando filmes como objeto de estudos, ao analisar narrativas audiovisuais e suas multiplicidade de discursos e ideologias, ou mesmo, com a possibilidade de dar voz aos alunos na prática de exercícios audiovisuais que lidam com a verdade e a realidade. Tanto para a educação como para a produção audiovisual o trabalho coletivo garante um espaço aberto, crítico e democrático de expressão cultural e de pensamento.

O desafio de realizar entrevistas, gravar depoimentos, relatos e observar a realidade ao redor, coloca alunos e professores, autores da produção, diante da construção do pensamento audiovisual. Afinal, as maneiras de se fazer um documentário são formas de pensamento, táticas expressivas do discurso audiovisual. Assim, um documentário não tem sentido se não despertar reflexão, debate e novas percepções. Entre os objetivos de uma produção de documentário na escola estão a vontade de contrapor opiniões e testemunhos, pesquisar contextos históricos, buscar diferentes materiais de arquivos (som, música, programas de rádio e televisão, filmes, etc.), debater um mesmo tema com diferentes abordagens, ampliar a sensibilidade estética, investigar o mundo e o indivíduo, com toda as suas estranhezas e contradições.

Com isso, pode-se projetar novas propostas pedagógicas que visem usar o documentário na escola como recurso de produção e abordagem de conteúdos didáticos, a partir da prática de produção audiovisual, apostando no amplo potencial dos recursos

audiovisuais e do debate sobre a linguagem, as técnicas de produção e abordagens do documentário como proposta de ensino e aprendizagem.

### **Considerações Finais**

Qual é o papel da comunicação e da educação no processo de desenvolvimento democrático de um país? A sociedade brasileira hoje é desigual e mediada pelos meios de comunicação, um dos principais espaços de circulação de informação e cultura e um dos mais importantes para a referência de valores e formação da opinião pública. Assim, é fundamental abordar na escola questões relacionadas às ligações entre política, realidade brasileira e meios de comunicação, particularmente sobre os desafios éticos diante do poder da televisão, da internet e das redes sociais.

No Brasil e no mundo é fácil apontar lugares e processos em que a democracia não existe, e ambientes como a escola e o cinema carregam experiências e possibilidades importantes para esta análise. Como já escreveu Cezar Migliorin:

A democracia não é um problema de representação, mas de participação estética e discursiva na *polis*. No nosso entender, o cinema, e todo seu entorno, é um espaço privilegiado para esse tipo de encontro e para esse tipo de experiência. Encontro em que um indivíduo qualquer, vindo de qualquer lugar, pode sentir e fruir com o outro na imagem, com o outro da sala e com os múltiplos outros que o habitam, em uma experiência na qual a sua própria fruição já é um tipo de criação (MIGLIORIN, 2010, p. 109).

Tanto na sala do cinema como na escola pode-se discutir recursos estéticos e éticos das produções audiovisuais, em particular sobre as narrativas do real, quando relatos e reflexões sobre o mundo e sobre personagens da história podem se transformar em conhecimento e conscientização política.

O debate sobre democracia pode ser matizado em análises de documentários na sala de aula, como ponto de partida para análises históricas, de relatos, biografias e investigações de situações e acontecimentos reais, como também colocado em prática, com exercícios de produção que motivem a participação ativa dos alunos na interpretação



audiovisual de temas, relatos de personagens e na compreensão de sua rua, seu bairro, sua cidade, seu país e sua relação com o mundo.

Trata-se de colocar em prática a cidadania a partir do cinema e da educação, capacitando o aluno para uma leitura crítica e participativa de seus direitos e deveres como cidadão. Afinal, como já definiu Jaime Pinsky:

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar e ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito a educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais (PINSKY, 2015, p. 9).

Ensinar a exercer a cidadania na escola é elaborar projetos de emancipação e criação que podem ser trabalhados com o uso da produção audiovisual. O processo de produção de um documentário mobiliza diferentes capacidades e permite uma relação participativa e criativa de estudantes e professores desde a escolha de temas, personagens e abordagens. A partir da ideia de realização declara-se a autoria, a abordagem e estilo da produção, definidos por Bill Nichols como “a voz do documentário”. Assim se inicia um novo projeto de produção, capaz de articular forma e conteúdo, inspirado por uma leitura crítica da realidade.

Segundo o pesquisador de cinema Ismail Xavier, em entrevista para a revista *Educação & Realidade* (2008):

O cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável (XAVIER, 2008, p. 15).

Nesse sentido, o documentário não pode ser usado na escola apenas como fonte direta de informação, mas sim como uma ferramenta nos processos de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, a relação da comunicação com a educação implica organizar e gerenciar atividades didáticas e práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula. O

professor, portanto, torna-se protagonista nesta atividade, pois é o responsável pela mediação do uso dos recursos audiovisuais como ferramentas para capacitar o aluno a pensar, construir o seu próprio saber, experimentando, aguçando sua curiosidade, tornando-o mais inventivo, reflexivo e crítico.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Márcia. **Documentário e modos de produção**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- \_\_\_\_\_, “O curta-metragem na sala de aula”. In: **Revista Páginas Abertas**, n. 59, São Paulo: Paulus, 2014, p. 28-29, disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/wp-content/uploads/2014/07/paginas-abertas-59.pdf>
- COMOLLI, J.-L. **Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão ficção, documentário**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MIGLIORIN, Cezar. “Cinema e escola, sob o risco da democracia”. In: **Revista Contemporânea de Educação – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, ago./dez. 2010, p. 104-110.
- NAPOLITANO, Marcos. **O cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2016.
- PINSKY, J.; PINSKY, C.B. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2015.
- TOZZI, Devanil (org.). **Caderno de cinema do professor: dois**. Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.
- XAVIER, Ismail. “Um cinema que educa é um cinema que nos faz pensar”. In: **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 33, n. 1, jan.-jun., 2008, p. 13-20.